

Prefeitura); assentamento de um tubo para levar agua do alto do Rosario á praça B. de Lima; construcção de 14 chafarizes publicos. Além disso e de muitas obras de menos importancia, ainda a Camara no mesmo triennio comprou, demarcou e tem vendido em lotes um grande terreno para construcções, o qual constitue hoje o Bairro Municipal; installou o serviço de limpeza publica; auxiliou eficazmente o collegio do S. Coração de Jesus, adaptando e mobiliando a casa onde elle funciona, e pagando o aluguel da mesma casa; comprou e reformou uma pequena casa em Santo Antonio para isolamento de doentes de molestias infecciosas; tomou severas providencias contra as epidemias da variola, que grassou em Itabira, e de peste no Rio; auxiliou a restauração do cemiterio antigo, e tratou de varios casos de variola occorridos em 1899.

Estão agora calçadas as ruas de Bello Horizonte, Santa Cruz, Rosario, Estados, Padre Macario, Severiano de Lima, Bias Fortes, Campos Salles, Clark, praça do Commercio e lados da praça B. de Lima; ha 24 chafarizes publicos e grande extensão de encanamentos. A povoação de Macacos tem agua potavel.

A camara mantem duas escolas e subvenciona seis; conserva as estradas e pontes; subvenciona a Santa Casa de Sabará e faz o enterramento dos pobres. A Villa vae ser illuminada a luz electrica, e para isso lançou o camara um emprestimo de 45 contos, já estando subscriptos 39 contos. Os juros são de 7%.

As quotas pertencentes ao districto de Santo Antonio têm sido sempre entregues regularmente ao respectivo conselho.»

## Os primeiros descobridores de Minas

Em 1887, publicou o illustre escriptor brasileiro João Capistrano de Abreu na gazeta fluminense — *A Semana* — uma série de tres artigos sob a modesta epigraphe — *Notas para a nossa historia*, nos quaes, entre outros pontos historicos que elucida, demonstra, de modo satisfactorio, que o primeiro explorador que penetrou no territorio mineiro foi FRANCISCO BRUZA DE SPINOZA pelo anno de 1553.

O profundo investigador chegou a este resultado, depois do estudo e exame comparado de varios documentos e chronicas, especialmente as *Cartas avulsas dos Jesuitas*, ainda agora não publicadas, e a carta de mercê, passada por Men de Sá a 24 de dezembro de 1560.

Nas *Ephemerides Mineiras*, alludindo a este importante trabalho, faz o distincto historiographo Xavier da Veiga justiça a Capistrano de Abreu, a quem deve incontestavelmente o Estado de Minas esta primeira pagina da sua historia.

A *Revista do Archivo Publico Mineiro*, reproduzindo adiante esse trabalho, com a devida venia do auctor, que lhe addiciona algumas preciosas notas e informações, rende, por sua vez, homenagem ao incansavel e sabio investigador, a quem tanto devem as letras historicas nacionaes.

## NOTAS PARA A NOSSA HISTORIA

### I

Nas *Cartas avulsas dos Jesuitas* (impresas, mas ainda não publicadas) pag. 84, falla-nos o padre Antonio Blasquez em um Espinhoso, grande lingua, que em 1557 gosava de muita auctoridade entre os Indios do Brasil.

Quem era elle? a que nacionalidade pertencia? seu appellido era de familia, ou simples traducção de alcunha dada pelos Indios, como Moreia, com que mais tarde se ataviaram alguns dos descendentes de Caramurú?

Documento recentemente descoberto, permite responder a algumas destas perguntas: uma carta de mercê, passada por Men de Sá a 24 de Dezembro de 1560. Falla-se ahí em Francisco Bruza de Espinhosa, « castelhana, grande lingua e homem de bem e de verdade e de grandes espiritos ». Na verdade, Espinhosa e Espinhoso não são exactamente o mesmo nome; mas da carta de Antonio Blasquez, como da de Men de Sá, temos apenas copias: a differença de uma letra não milita, pois, contra a identificação, a favor da qual, como se verá, ha muitos augmentos.

Segundo o documento a que me refiro, Francisco Bruza de Espinhosa offereceu-se a Thomé de Sousa para penetrar pelo sertão em procura de minas. Mais de uma vez recommendara-lhe D. João III esta empresa, de que o Governador tanto se preocupava que, em Julho de 1551, quando Nobrega foi para Pernambuco, já conseguira desta promessa de um Padre para acompanhar a gente que fosse descobrir ouro (1). Por isso a proposta de Espinhosa foi accета; mas era nos ultimos tempos de Thomé de Sousa, e a empresa só chegou a realizar-se no governo de Duarte da Costa, iniciado a 13 de Julho de 1553.

As condições propostas eram que « o ouro, prata, aljofar e pedras preciosas e quaesquer outros metaes que descobrissem fossem o que trouxessem em saldo para elles e para seus filhos, herdeiros, ou para os que elles quizessem dar e deixar, sem das ditas cousas pagarem dizimos, siss, quarto, quinto nem outro nem um direito por qualquer outro nome que seja chamado ou denominado. »

Partindo para a expedição com doze companheiros, Espinhosa « achou muitas informações de haver entre o gentio ouro e prata, e não foi mais pela terra dentro que duzentas e tantas leguas e não acabou de descobrir. »

E' isto o que se contém na carta de mercê de Men de Sá com referencia a Espinhosa; mas, approximada de uma carta do padre

(1) O governador Thomé de Sousa me pediu um Padre para ir com certã gente que Vossa Alteza manda a descobrir ouro; eu lho prometti, porque tambem nos releva descobri-lo para o thesouro de Jesu Christo nosso Senhor, e ser cousa de que tanto proveito resultará á gloria do mesmo Senhor e bem a todo o Reino e consolação a V. A., e porque ha muitas novas delle e parecem certas e parece-me que irão. NOBREGA, ed. Valle Cabral, pag. 92 - 93.

João de Aspilcueta Navarro (2), o facto apparece á nova luz. O padre Navarro refere-se a uma entrada que fez ao sertão nos primeiros tempos de Duarte da Costa ( pois a 24 de Junho de 1555 já passava de anno e meio ) com doze portuguezes, e em que andou pela terra 350 leguas. Como se vê, excepto no numero das leguas, aliás sem importancia para o caso porque nem Espinhosa nem Navarro fizeram mais que estimal-as arbitrariamente, a identidade parece completa entre as duas expedições.

Para que completa seja realmente, é preciso, porém, outra condição. Navarro partiu para Porto Seguro em Março de 1552 e só tornou a Bahia em fins de 1555 ou começo de 1556; a entrada em que tomou parte deve ter sahido, portanto, de Porto Seguro. Partiria igualmente dahi a de Espinhosa? A presença deste na Bahia em 1557 não é argumento em contrario, porque tambem Navarro estava na Bahia; mas isto seria simples presumpção. Ha documento, felizmente, que permite affirmal-o.

E' sabido que em fins de 1552 ou principios de 1553, Thomé de Sousa sahio da Bahia com Manoel da Nobrega, Pero de Goes, Antonio Cardoso de Barros e outros a visitar a capitania do Sul. Em uma collecção de ordens de pagamento do tempo que existia na thesouraria da fazenda da Bahia, e hoje está na Bibliotheca Nacional, encontra-se sob numero 1262:

« A 8 de Março de 1553, passou o Provedor Mór (A. C. de Barros) dous mandados para Pero de Pina, feitor da Capitania de Porto Seguro, que dêsse ao Espinhosa emegero (?) castelhana, na dita Capitania morador, todo o resgate que houvesse mister para ir pelo sertão a descobrir por mandado do Governador Thomé de Sousa... »

Na mesma collecção de ordens, encontra-se ainda adiante o seguinte que provavelmente relaciona se com o nosso Espinhosa:

« A doze do dito mez (Junho de 1552) passou o Provedor-Mór mandado para o dito Thesoureiro (João de Araujo) que entregasse a Pero de Pina, feitor e almoxarife de Porto Seguro, os resgates e mercadorias seguintes: quarenta e cinco covados e tres quartos de pano vermelho de trezentos e cincoenta réis covado, quarenta duzias de tesouras de duzentos e quarenta réis duzia, vinte massos de mata-mundo de cem réis o masso, trinta duzias de pente de dez a real, trinta milheiros de trez a real, quarenta milheiros de quatro a real, doze chapéos de cento e quarenta réis chapéo, tres barris de pão para ir o dito resgate... »

(2) Traduzida na *Historia Geral de Varnhagen*, 1.<sup>a</sup> ed. Vol. I, pag. 406 - 462.

Não ha, pois, motivo algum para duvidar que o Espinhoso de Blasquez é o Espinhosa de Men de Sá, e que é sua expedição a descrita na carta do padre Asplicueta Navarro. Por meio desta, pode-se até certo ponto determinar o roteiro da entrada ao sertão.

Partiram de Porto Seguro, e, como em paiz desconhecido, seguir um rio é meio de não se perder, provavelmente foram seguindo algum. Navarro falla nos tantas vezes no Grande, actualmente conhecido pelo nome de Jequitinhonha, que bem pode dizer-se que os expedicionarios o foram margeando. Depois de muito andar, chegaram a uma serra onde estão as cabeceiras deste e de um outro chamado das Ourinas (Pardo? afluente do Jequitinhonha?). Esta serra corre de norte para o sul, e deve ser uma das conhecidas pelo nome de Almas, Grão Mogol e Itacambira. Dahi partiram e foram ter a um rio muito caudal, chamado Pará, que segundo os Indios informaram-lhes, era o de S. Francisco, ou mais provavelmente o rio das Velhas. Foi, portanto, para o districto em que mais tarde tornaram-se tão celebres as minas de Diamantina, de Serro, de Arassuahy e outras que se encaminhou a expedição.

E que viagem! «Sempre por caminhos pouco descobertos, diz Navarro, por serras mui fragosas que não têm conta e tantos rios que em partes, no espaço de quatro ou cinco leguas, passamos cinquenta vezes contadas por agua, e muitas vezes, si me não soccorram, me houvera afogado.»

Mais de trez mezes fomos por terras mui humidas e frias por causa dos muitos arvoredos e das arvores mui grossas e altas, de folha que sempre está verde. Chovia muitas vezes, e muitas noites dormiamos molhados, especialmente em logaras despovoados, e assim todos em cuja companhia eu ia, estiveram quasi a morte de enfermidades, uns nas aldeias, outros em despovoados, e sem ter outra medicina que sangrar-se de pé, forçando a necessidade a caminhar.»

A carta de mercê de Men de Sá, de 24 de Dezembro de 1560, foi passada em favor de D. Vasco Rodrigo (sic) de Caldas. Era este homem notavel, que habitava na cidade do Salvador havia muitos annos, e distinguira-se muito nas guerras que em tempo do mesmo Governador houve contra os Indios. No anno de 1562, serviu de vereador da Camara da cidade.

Offereceu-se ao Governador para levar avante a empreza iniciada por Espinhosa, e, como um dos motivos a que se attribuia o mislogro

daquelle era a pouca gente que levava, comprometter-se elle a levar cem homens. O seu offeracimento foi acceito nas mesmas condições que tinham sido concedidas a Espinhosa. Era-lhe além disso recommendado que não sabbisse em outro logar que o Brasil, (o que indica a crença na proximidade immediata de possessões hespanholas), e que fizesse um roteiro da jornada.

Chegou esta a realizar-se? E' o que não diz o documento de Men de Sá, mas o que por casualidade nos informa o padre Leonardo do Valle em uma das *Cartas avulsas dos Jesuitas*, escripta da Bahia a 26 de Junho de 1562.

Leonardo do Valle falla de uma entrada com atoardas de ouro, feita no anno anterior. Quem a dirigiu não nos diz elle, que designa o capitão simplesmente como «um dos honrados da terra.» Sabendo-se, porém, que Vasco Rodrigues de Caldas obtivera a licença nos ultimos dias de 1560, no tempo do Natal e das festas que se lhe seguem, não é de admittir que elle fizesse a entrada sinão em 1561, o que está de accordo com a data do padre Leonardo.

Nem é de crer que o Governador dêsse ao mesmo tempo licença equal a pessoa diversa, quando Vasco Rodrigues de Caldas tantos serviços prestara a sua administração, e já devia ter feitos os amplos preparativos que necessitava o sustento dos cem homens com que planejava o commettimento. Não hesito, pois, em identificar o homem honrado do padre Leonardo com o caudilho de Men de Sá.

Tambem a sua tentativa não surtiu effeito. Elle seguiu pelo rio Paraguassú, mas não penetrou mais de 60 ou 70 leguas pelo sertão. Ahi appareceram os indios rupinaens, os antigos moradores da Bahia quando os Tupinambás ainda não a tinham senhoreado, e obrigaram a expedição a tornar.

Entre os indios ficou um crucifixo de que Leonardo do Valle conta maravilhas. «Foram umas velhas para o tirar da caixa para os seus lhe quebrarem a cabeça a seu modo e supitamente cahiram mortas.

E irando-se alguns mancebos valentes disso, tomaram seus arcos e flechas para ás flechadas o matarem e querendo o pôr por obra, aconteceu o mesmo que ás outras.»

Depois do desbarato de sua empreza, Vasco Rodrigues de Caldas, si foi elle como parece, fez uma viagem ao reino, como consta de um documento publicado por Valle Cabral. (Nobrega, *Cartas do Brasil*, pag. 182).

São estas, pois, as duas mais antigas entradas em busca de minas que se deram no Brasil. Ambas eram desconhecidas, em suas particularidades, e continuariam provavelmente a ser o sem as cartas de Men de Sá e dos Jesuitas.